

Imagem corporal feminina e os efeitos sobre a saúde mental: uma revisão bibliográfica sobre a intersecção entre gênero, raça e classe

Female body image and effects on mental health: a literature review on the intersection of gender, race and class

Imagen corporal femenina y efectos sobre la salud mental: una revisión de la literatura sobre la intersección de género, raza y clase

Francisca Tatiana Dourado Gonçalves^{1*}, Valdenia Guimarães e Silva Menegon¹, Mychelle Maria Santos de Oliveira¹, Rodrigo Rodrigues Silva¹, Murilo Simões Carneiro¹, Ana Valéria Lopes Lemos¹, Lucas Dannilo Aragão Guimarães¹, Zaira Arthemisa Mesquita Araújo¹, Pedro Wilson Ramos da Conceição¹, Carlos Alberto Sousa Silveira¹.

RESUMO

Objetivo: Apresentar os principais dados literários acerca da formação da imagem corporal feminina. Para isso, foi utilizado para elaboração dessa narrativa uma associação entre as variáveis sociais no que diz respeito ao gênero, raça e classe. **Revisão Bibliográfica:** A construção simbólica elaborada sobre o corpo está relacionada com os aspectos psicossociais, históricos, culturais, políticos, econômicos. Desse modo, o discurso divulgado pela rede midiática e pelas redes sociais fortalecem o culto a imagem corporal idealizada e utópica. Esses aspectos levam grupos sociais específicos, como atletas, mulheres, negros, pessoas com deficiência, a uma maior suscetibilidade de instalarem e desenvolverem transtornos psicológicos, alimentares, ligados a percepção quanto a si próprio. **Considerações finais:** A imagem corporal é um fenômeno construído por meio dos grupos de vivências que partilhamos ao longo de nossa existência. Com isso, os fatores quanto a faixa etária, sexo biológico, gênero social, tipo físico, presença/ausência de deficiência influenciam na construção dessa percepção.

Palavras-chave: Imagem corporal, Saúde mental, Grupo social.

ABSTRACT

Objective: To present the main literary data about female body image formation. For this, an association between social variables with regard to gender, race and class was used to elaborate this narrative. **Bibliographic Review:** The elaborate symbolic construction on the body is related to the psychosocial, historical, cultural, political and economic aspects. Thus, the discourse disseminated by the media and social networks strengthens the cult of the idealized and utopian body image. These aspects lead specific social groups, such as athletes, women, blacks, people with disabilities, to a greater susceptibility to install and develop psychological and eating disorders, linked to self-perception. **Final consideration:** Body image is a phenomenon built through the groups of experiences that we share throughout our existence. Thus, factors such as age, biological gender, social gender, physical type, presence / absence of disability influence the construction of this perception.

Key words: Body image, Mental health, Social group.

¹ Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão – UniFacema. Caxias-MA, Brasil.

*E-mail: tatyanadourado@yahoo.com.br

RESUMEN

Objetivo: presentar los principales datos literarios sobre la formación de la imagen corporal femenina. Para esto, se utilizó una asociación entre variables sociales con respecto al género, la raza y la clase para elaborar esta narrativa. **Revisión bibliográfica:** La construcción simbólica elaborada en el cuerpo está relacionada con los aspectos psicosociales, históricos, culturales, políticos y económicos. Así, el discurso difundido por los medios y las redes sociales fortalece el culto a la imagen corporal idealizada y utópica. Estos aspectos conducen a grupos sociales específicos, como atletas, mujeres, negros, personas con discapacidad, a una mayor susceptibilidad a instalar y desarrollar trastornos psicológicos y alimentarios, vinculados a la autopercepción. **Consideraciones finales:** la imagen corporal es un fenómeno construido a través de los grupos de experiencias que compartimos a lo largo de nuestra existencia. Por lo tanto, factores como la edad, el sexo biológico, el género social, el tipo físico, la presencia / ausencia de discapacidad influyen en la construcción de esta percepción.

Palabras clave: Imagen corporal, Salud mental, Grupo social.

INTRODUÇÃO

Assolapados pelas características da sociedade contemporânea, onde os processos de globalização e a revolução nos meios de comunicação, trouxeram como consequências o culto exacerbado a própria imagem, os corpos humanos exibidos em rede reforçam as tendências narcisistas e os padrões de beleza estipulados pela sociedade (FIGUEIREDO DC, et al. 2017).

Em meio a toda essa realidade, as mulheres se constituem como potenciais consumidoras dessa tendência a exibição da imagem, utilizando como principal mecanismo as mídias sociais. Não é a toa que o Brasil se enquadra como um dos maiores consumidores de produtos alinhados as redes e mídias sociais. Segundo dados do We Are Social, o Brasil possuía, em 2018, 140 milhões de usuários ativos nas redes sociais entre *Facebook, whatsapp e youtube*, o que corresponde a 66% da população. Reforçando a informação exposta de que as mulheres compõem um grupo alvo de maior tendência a insatisfação com a imagem corporal, alguns dos fatores associados a essa questão estão o racismo e a classe, já que existem os pontos de intersecção entre estas três categorias de análise. Em uma sociedade estruturada em classe, a pobreza eleva o nível de insatisfação de trabalhadores, que vivenciam cotidianamente os conflitos existentes entre capital e trabalho, porém essa não é a única mazela, já que as questões de classe se cruzam com outras categorias (COELHO EJ e FREITAS FAGUNDES T, 2007).

Uma mulher pode sofrer triplamente as desventuras pelo fato de ser também negra e pobre. Essa interseccionalidade está na raiz das discriminações e dos efeitos negativos sobre a autoimagem. A busca exagerada por um corpo perfeito atinge as mulheres de modo geral, mas sob o efeito do racismo e da pobreza, pode levar a processos de adoecimento mental mais elevados em mulheres negras (JESUS BITTENCOURT L e OLIVEIRA NUNES M, 2017).

É necessário perceber a sociedade a partir de interseccionalidades, já que as variáveis de saúde, por exemplo, apresentam-se de diferentes formas para grupos específicos da sociedade, dando instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade do racismo, capitalismo e cis-heteropatriarcado, que produzem separações identitárias entre grupos sociais (AKOTIRENE C, 2018).

Desse modo, é preciso analisar os diversos processos de adoecimento mental que afetam a humanidade sob o ponto de vista das intescionalidades que atravessam a vida de pessoas que conjugam características de pertencimentos a grupos específicos da sociedade, tais como mulheres, negros e pobres. Os encaminhamentos que culminam com a insatisfação da imagem corporal, é um deles (SECCHI K et al., 2009).

A elaboração desse estudo se deu sob a perspectiva de apresentar a formação da imagem corporal feminina a partir da relação entre as variáveis de gênero, classe e raça social.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O corpo como objeto de estudo social

A literatura apresenta que o corpo como objeto de estudo social, é delineado com suportes para além do biofísico, uma vez que engloba uma concatenação dinâmica entre os aspectos socioculturais do espaço vivenciado pelo sujeito (JODELET D, et al., 2001). Assim, diversas áreas do conhecimento estudam fragmentos do corpo segundo linhas teóricas, políticas, econômicas, históricas e culturais (FERREIRA VS, 2013).

Conforme articula Maroun K e Vieira V (2008), tal objeto já foi estruturado e interpretado mediante uma visão eclesiástica, sendo considerado um lócus ímpio no qual se sobrepunha a alma ao corpo material, sendo que este último era alvo de constantes purificações; posteriormente, o corpo passou a ser observado sob a óptica artística, sendo representado nas telas renascentistas; em seguida, a matéria corporal foi considerada e determinada para fins de trabalhos braçais e hoje, é observada como palco de expressão do consumismo exacerbado. Sob essa perspectiva, Carreteiro TC (2005) sublinha que na contemporaneidade, o corpo se tornou alvo de debates e discussões resultantes de manifestações comportamentais narcisistas, individuais e mercadológicas.

A interpretação simbólica atribuída ao corpo é influenciada diretamente pelos discursos vigentes de cada contexto (ALMEIDA TL, 2009). Nesse sentido, o significado do corpo varia de acordo com os símbolos articulados em cada sociedade, moldando dessa forma a óptica individual e social de concebê-lo. A dificuldade de considerar o corpo como objeto de estudo era devido a subjetividade dos autores que se debruçavam acerca dessa temática, no entanto, o corpo sob a linha social passou a ser passível de estudos em virtude de operar como espaço e local para mudanças e metamorfoses sociais (MAROUN K e VIEIRA V, 2008).

Sabino C (2002) expõe que o panorama vigente oferta modelos baseados na busca incessante por um padrão de corpo perfeito, com estilos atitudinais e comportamentais a serem seguidos, construindo assim uma massa homogênea. Assim, conforme a óptica social articulada por Le Breton D (2006), o corpo é configurado como um vetor que proporciona contato com os aspectos simbólicos presentes no ambiente sendo construído mediante as relações sociais.

Ferreira VS (2013) pontua que o corpo é desenhado mediante a exposição de rituais e figuras ofertadas pelas comunidades que contém valores e significados sociais. Isso está em conformidade com o pensamento apresentado por Le Breton D (2003), quando este diz que o corpo está situado em uma intersecção entre o social e o individual, onde há uma relação recíproca entre ambos os contextos, uma vez que a constituição da identidade do sujeito está relacionada com os elementos simbólicos que este identifica no ambiente.

Camargo BV, et al. (2011) enfatiza que as representações e percepções que cada indivíduo tem sobre o seu corpo está intrinsecamente relacionada com a relação estabelecida entre demandas individuais e coletivas, pois o contexto macro da cultura necessita dos fragmentos individuais de cada sujeito, para que esta seja estruturada e perpassada culturalmente.

O corpo como produto de consumo: culto a imagem perfeita, padrões de beleza e a hipersexualização do corpo feminino

A imagem corporal é hoje um tema em evidência, vários estudos vêm sendo realizados, dada a relevância do problema. Almeida LLB e Baptista TJR (2016) definem esse conceito como sendo um processo amplo e dinâmico, relacionado com a representação que cada sujeito faz do seu próprio corpo, isso leva em consideração os pensamentos, sentimentos e comportamentos de cada um. Desse modo, a imagem corporal diz respeito ao modo como os indivíduos veem e experimentam seus corpos. Esse processo ocorre através da interação com o meio social na qual o indivíduo está inserido.

Petroski EL, et al. (2012) afirmam que esse processo é oriundo de uma interação entre o simbolismo cultural e individual. Menezes TN, et al. (2014) compartilha de tal ideia ao retratar que a imagem corporal envolve um conjunto complexo de fatores psicológicos, sociais, culturais e biológicos associados a mudanças

ocorridas durante a vida, o que por sua vez influencia diretamente no estado de saúde do indivíduo. Cordas TA (2004) defende que esse processo envolve os componentes perceptivo, subjetivo e comportamental. O primeiro faz referência a forma com que o indivíduo enxerga seu tamanho e o seu peso. O segundo, está relacionado com o grau de satisfação do indivíduo acerca do seu fenótipo, e o componente comportamental tem a ver com as ações manifestas pelo sujeito devido a sua aparência física.

O corpo feminino, segundo a ordem atual vigente é idealizado como magro, atrativo, saudável e dotado de status social. Diante disso, é sabido que o público feminino demonstra preocupação excessiva com a quantidade de gordura no corpo e com a aparência, o que leva a adoção de dietas, do consumo de produtos dietéticos e prática de exercício físico. No entanto, existem diversos biótipos e o padrão que é imposto não respeita todos eles, fazendo com que as pessoas adotem medidas compensatórias, o que pode vir a causar danos à saúde mais tarde (WITT JS e SCHNEIDER AP, 2011).

Souza Fortes L, et al. (2013) afirma que mulheres insatisfeitas com sua imagem corporal e que deixam esse fator ter grande influência em suas vidas apresentam um maior risco para o desenvolvimento de Transtornos Alimentares (TAs). Assim, a insatisfação com a imagem corporal é entendida como um sentimento negativo que o indivíduo tem em relação ao seu peso e à sua forma corporal e está associada a fatores como baixa autoestima, depressão, estados de ansiedade social e, principalmente, atitudes inadequadas de controle do peso, como uso de substâncias anorexígenas, esteroides anabólicos, técnicas purgativas e comportamentos alimentares inadequados (CARVALHO PHB, et al., 2013).

Todos esses fatores tendem a afetar de forma mais intensa mulheres negras, que já vivenciam outros processos alinhados a violência de gênero e até o detrimento de seu corpo por homens brancos e negros em favorecimento de corpos de mulheres brancas. Atualmente, muito se tem falado sobre a solidão das mulheres negras e isso se relaciona ao fato de que estas constituem o maior número de mulheres identificadas como chefes de famílias. Muitas são abandonadas em período de gestação e de acordo com o censo demográfico de 2010, 52,2% das mulheres negras não viviam em união estável (IBGE, 2011).

Essa realidade possui um forte viés racial, baseado sobretudo na hipersexualização do corpo negro, em geral associado ao prazer sem responsabilidade e compromisso. Essa solidão está ligada ao fato de que mulheres negras não se encaixam em padrões específicos de beleza ditados pela mídia e reproduzido no cotidiano das pessoas. Mulheres negras são também as que mais sofrem com a violência física ou sexual. De acordo com os dados do Atlas da Violência (IPEA, 2019), o ano de 2017 registrou o crescimento dos homicídios femininos no Brasil, chegando a 13 homicídios por dia. Ao todo, foram 4.936 mulheres mortas, o maior índice registrado na série histórica; dessas, 66% delas eram negras.

Dados do Mapa da Violência, entre 2003 a 2013, revelam que os homicídios de mulheres negras aumentaram 54%, passando de 1.864, para 2.875. Em correspondência, o número de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%, caindo de 1.747 em 2003 para 1.576 em 2013. São as mulheres negras que penam com a estigmatização do seu corpo, sua cultura, sua aparência, tendo que reconstruir cotidianamente sua autoestima. Mulheres negras não costumam ser representadas na mídia e quando aparecem, em geral são apresentadas em lugares subalternizados ou mal vistos. Sua beleza é geralmente erotizada, exotizada ou censurada. É uma ideia de corpo encarado como não normal, não belo, não perfeito. É a negação do corpo preto. Essa estigmatização, gera polos mais fortalecidos de preconceito e discriminação que as atinge em vários níveis, influenciando seus relacionamentos sejam eles hétero ou lesboafetivos. Tudo isso produz um impacto sobre a saúde mental destas mulheres.

A influência da mídia sobre o corpo feminino

É notável a importância dada à imagem, aparência, corpo, beleza e estética, o culto ao corpo belo e atlético é predominante, fazendo com que as pessoas busquem uma aparência física imposta. Acredita-se que a mídia de massa é um transmissor e reforçador de ideias, que influenciam valores, normas e padrões estéticos impostos pela sociedade moderna. O papel da mídia no desenvolvimento dos TAs, tem uma relação muito importante na insatisfação corporal, acometendo principalmente adolescentes e mulheres jovens, em países desenvolvidos e em desenvolvimento (ALVARENGA MS, et al., 2010).

Notavelmente, em decorrência da globalização é comum inclinações comportamentais que levam ao desenvolvimento dos Transtornos Alimentares (TAs), como o uso recorrente de procedimentos diversos, tal como o uso de substâncias para se manter o controle da massa corporal, e prática de exercícios físicos em demasia (SANTOS LA, et al., 2008). Isso pode ser visto em atletas de fisiculturismo que constantemente fazem uso de uma alimentação regrada e de rotina de exercícios físicos (VIEIRA JL, et al., 2009).

O estudo realizado por Alves E, et al. (2008) com adolescentes em Florianópolis/SC, apresentou como resultado: as prevalências de sintomas de anorexia nervosa e de insatisfação com a imagem corporal na amostra geral foram, respectivamente, 15,6% e 18,8%. A mesma pesquisa apontou ainda a literatura existente aponta a “[...] presença de índices elevados de insatisfação com o corpo durante a adolescência, especialmente no sexo feminino, tanto na dimensão emocional (insatisfação) como na dimensão perceptiva (superestimação)”.

Outro fator que deve ser analisado, diz respeito as características relacionada a raça. É notório que em uma sociedade que passou por um processo de colonização muito violento, onde corpos humanos foram transformados em objetos e comercializados como “coisas”, os efeitos posteriores sobre esse povo, seriam drásticos. Extremamente nocivos, os efeitos do racismo no Brasil se apresentam as vezes de forma camuflada. Esse é um dos principais problemas em combatê-lo no País. Aqui, o racismo é negado. Estruturou-se a ideia de que existe uma democracia racial consolidada e que, portanto, não há o que combater, porém, nos principais meios televisivos, os corpos negros aparecem no geral estigmatizados.

As mídias sociais apresentam corpos brancos como referência de beleza e saúde. Nos telejornais, nos programas infantis, nas telenovelas, comumente aparecem corpos brancos e magros como padrão de estética esperado para a mulher brasileira. Esse tipo de divulgação de um modelo de corpo acaba por enfatizar um padrão de beleza eurocêntrico em detrimento da diversidade da composição da população brasileira.

Transtornos psicológicos decorrentes da busca pelo corpo perfeito

É notório que o arquétipo ideal do ser humano passa a adquirir características que remete a um corpo magro, esguio e atlético. Contudo, sabe-se que o perfil exigido e padronizado pela ordem social não está compatível com o uso de procedimentos especificamente saudáveis, com a pluralidade das características étnicas da população; isso influencia na articulação de aspectos e crenças desfavoráveis sobre si próprio, logo, impacta na saúde psicossocial, uma vez que o autoconceito é definido como um elemento significativo para a instalação de quadros de TAs (FROIS E, et al., 2011).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2004), os transtornos alimentares atingiram cerca de 38, 8 milhões de pessoas na última década (SECCHI K, et al., 2009). Como já dito, o interesse na insatisfação corporal vem crescendo, motivado, em grande parte, pelo reconhecimento crescente dos TAs, como anorexia nervosa e bulimia, sendo estas classificadas como um dos principais problemas de saúde mental entre adolescentes e adultas jovens. Diante disso, Compte EJ, et al. (2015) articula que os TAs por serem uma desordem alimentar e comportamental, afetam o funcionamento social e pessoal do indivíduo, causando problemas psicológicos e socioafetivos.

Nesse sentido, Dantas JB (2011) pontua que o corpo passa a ser um investimento constante, onde a pessoa está incessantemente em busca de melhorias no corpo, para isso, faz uso de tratamentos para confirmarem os ideais afirmados pela contemporaneidade, sendo eles, beleza, juventude e saúde.

Os transtornos alimentares associados ao excesso de dietas e de exercício físico são as doenças mais comuns encontradas na faixa etária juvenil e podem acarretar consequências a longo prazo na saúde física e mental desse público, uma vez que busca-se modificar a quantidade de alimento a ser consumido e/ou evitar a absorção do alimento pelo organismo (SECCHI, et al., 2009).

Os principais transtornos alimentares de praticantes de musculação são a anorexia nervosa, bulimia e vigorexia, considerados problemas de saúde coletiva, cujo o cerne está voltado para imagens alteradas do próprio corpo e pela presença de comportamentos alimentares disfuncionais. Barbosa ALP, et al. (2019) expõem que a instalação da anorexia e da bulimia está relacionada com a insatisfação com o corpo, com a

baixa autoestima e com as informações difundidas pela mídia. Associado a esse pensamento, Alfoukha MM, et al. (2017) pontua que as variáveis feminino e adolescência são contribuintes para a manifestação dos transtornos alimentares.

Assim, no que tange a anorexia nervosa, esta é classificada como uma desordem psiquiátrica com teor crônico e de alta gravidade. A pessoa com esse transtorno apresenta uma concepção distorcida acerca do seu corpo, pois apesar de estarem abaixo do peso, continuam se abstendo de alimentos, realizam purgação e fazem exercícios físicos para reduzir ainda mais as medidas corporais (SOUZA LFC, et al. 2018).

A bulimia nervosa se refere a manifestação de episódios de compulsão alimentar, no qual a pessoa ingere um percentual maior de alimento em um intervalo de tempo e posteriormente apresenta a comportamentos compensatórios, como uso de laxantes, diuréticos, exercícios físicos, para reduzir a sensação de falta de controle (APA, 2014). O DSM-V traz que essa condição possui quatro níveis: leve, moderada, grave e extremo, sendo estes definidos pela quantidade de episódios semanalmente.

Em relação a vigorexia, Souza VKS, et al. (2018) afirma que essa condição acomete principalmente o público que pratica musculação, indicando assim uma obsessão pelo exercício físico, uma vez que o sujeito nunca está satisfeito com a sua aparência. O indivíduo se descreve como fraco e pequeno, mesmo quando a sua musculatura esta desenvolvida em níveis alto, acima da média normal da população. O foco obsessivo está na massa muscular, assim, é comum passarem uma carga horária exagerada praticando levantamento de peso, fazendo uso de dietas hiperproteica, hipolipídicas e hiperglicídicas para o aumento da massa corpórea, ainda há o uso de suplementos proteicos e de anabolizantes. Apesar disso, ainda é típico desse quadro o indivíduo evitar a exposição corporal por sentir vergonha do corpo por se ver como uma pessoa magra (CAMARGO BV, et al., 2011).

Para mais, outro elemento de relevância no quadro dos TAs é que o público feminino que se submete a dietas restritivas, naturaliza tais condutas, pois consideram tal comportamento como típico e não veem problemas acerca disso (VALE AMO, et al., 2011). Ainda em conformidade com os autores citados, todo esse cenário é intensificado pela desinformação das jovens sobre essa patologia e das informações errôneas comunicadas pela mídia que divulgam seleções de alimentos e horários ideais que estes devem ser consumidos.

Os TAs são quadros comuns entre mulheres que praticam alguma atividade esportiva. Algumas das justificativas para embasar tal dado pode ser destacado pela presença de variáveis ambientais, como a exigência dos patrocinadores, dos preparadores físicos, familiares, amigos e pessoas que contribuem direta ou indiretamente com esse cenário (BAUM A, 2006).

Enfatizando a saúde mental da população negra, apesar desta ser contemplada no capítulo terceiro da Política Nacional Integral da População Negra, que define como “estratégias de gestão”: (a) o “fortalecimento da atenção a saúde mental das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos negros, com vistas à qualificação da atenção para o acompanhamento do crescimento, desenvolvimento e envelhecimento e a prevenção dos agravos decorrentes dos efeitos da discriminação racial e exclusão social” e (b) o “fortalecimento da atenção a saúde mental de mulheres e homens negros, em especial aqueles com transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas” (BRASIL, 2007, p. 41), ainda existe muito por fazer.

Mesmo o Ministério da Saúde tendo reconhecido que a discriminação racial afeta a saúde mental, ainda há muito por fazer e uma das medidas é colocar em prática políticas direcionadas a este grupo específico, que leve em consideração as condições socioeconômicas, de moradia, de emprego e sub-emprego, bem como os estereótipos vinculados aos corpos de negros e negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A insatisfação com a imagem corporal pode influenciar nos processos de adoecimento físico e mental das pessoas. Mulheres e adolescentes são mais suscetíveis as exigências impostas pela mídia e redes sociais, que divulgam um determinado padrão de beleza que não corresponde a maioria dos corpos da população no

geral. Em se tratando de mulheres negras, essa realidade tende a ser ainda mais agressiva, tendo em vista que a estrutura racial brasileira desvaloriza os corpos negros e de modo especial, o feminino. As tentativas de aquisição de um dito “corpo perfeito”, afeta essas mulheres que se submetem ao longo da vida a processos de mutilação, indo desde alisamento de cabelos, alterando o formato capilar até as famosas “pranchas”.

REFERÊNCIAS

1. AKOTIRENE C. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018.
2. ALFOUKHA MM, et al. Social and psychological factors related to risk of eating disorders among high school girls. *The Journal of School Nursing*, 2017; 1-9.
3. ALMEIDA LLB, BAPTISTA TJR. Análise da imagem corporal de praticantes de um centro de práticas corporais. *Pensar a Prática*, 2016; 19(3): 601-611.
4. ALMEIDA TL. Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher: representações sociais do corpo feminino. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
5. ALVARENGA MS, et al. Body image dissatisfaction in female Brazilian university students. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 59, n. 1, p. 44-51, 2010.
6. ALVES E, et al. Prevalência de sintomas de anorexia e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 2008; 503-512.
7. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.
8. ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro, 2019.
9. BARBOSA ALP, et al. Psicologia e transtornos alimentares: produção científica sobre anorexia e bulimia nervosa. Trabalho de Conclusão (Graduação em Psicologia). Centro Universitário de Anápolis-Unievangélica, Anápolis, 2019.
10. BAUM A. Eating disorders in the male athlete. *Sports Medicine*, Auckland, v. 36, n. 1, p. 1-6, 2006.
11. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
12. CAMARGO BV, et al. Representações sociais do corpo: estética e saúde. *Temas psicol.*, 2011; 19(1): 257-268.
13. CANESQUI AM. A sociologia do corpo. *Interface*, 2011; 15(36): 321-323.
14. CARRETEIRO, TC. Corpo e contemporaneidade. *Revista de Psicologia*, 2005, 11(17): 62-76.
15. CARVALHO PHB, et al. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. *J Bras Psiquiatr.* 2013;62(2):108-14.
16. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
17. COELHO EJN, FREITAS FAGUNDES T. Imagem corporal de mulheres de diferentes classes econômicas. *Motriz. Journal of Physical Education*. UNESP, p. S037-S043, 2007.
18. COMPTE EJ, et al. A Two-Stage Epidemiological Study of Eating Disorders and Muscle Dysmorphia in Male University Students in Buenos Aires. *International Journal of Eating Disorders*, 2015; 48(8): 1092-1101.
19. CORDAS TA. Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. *Rev. Psiquiatr. Clín. São Paulo*, v. 31, n. 4, p. 154-157, 2004.
20. DANTAS JB. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 2011; 11(3): 898-912.
21. FERREIRA VS. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. *Análise Social*, 2013; (208): 494-528.
22. FIGUEIREDO DC, et al. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 17, n. 1, p. 67-88, 2017.
23. FROIS E, et al. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicologia em estudo**, v. 16, n. 1, p. 71-77, 2011.
24. JESUS BITTENCOURT L, OLIVEIRA NUNES M. Transtorno alimentar em estudantes negras de Salvador: a relação com a imagem corporal. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*, v. 12, n. 1, p. 169-192, 2017.
25. JODELET D, et al. As representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001; p. 17-44.
26. LE BETRON D. A sociologia do corpo. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 104 pp.
27. LE BRETON D. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003. 240 p.
28. MAROUN K, VIEIRA V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.

29. MENEZES TN, et al. Percepção da imagem corporal e fatores associados em idosos residentes em município do nordeste brasileiro: um estudo populacional. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, p. 3451-3460, 2014.
30. PETROSKI EL, et al. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2012; 17: 1071-1077.
31. SABINO C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENGER, GM (org.). Nú e vestido. São Paulo: Record, 2002, p. 139-88.
32. SANTOS LA. O corpo, o comer e a comida: Um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: Edufba, 2008.
33. SECCHI K, et al. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 229-236, 2009.
34. SOUSA FORTES L, et al. Internalização do ideal de magreza e insatisfação com a imagem corporal em meninas adolescentes. *Psico*, v. 44, n. 3, p. 432-438, 2013.
35. SOUZA LFC, et al. A influência dos aspectos emocionais na anorexia nervosa: o olhar da psicossomática. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT*, 2018; 5(1): 137, 2018.
36. SOUZA VKS, et al. Vigorexia o distúrbio da imagem corporal que assola o século XXI: uma revisão da literatura. *International Journal of Nutrology*, 2018; 11(S1): 815.
37. VALE AMO, et al. Comportamentos de risco para transtornos do comportamento alimentar entre adolescentes do sexo feminino de diferentes estratos sociais do Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2011; 16: 121-132.
38. VIEIRA JL, et al. Distúrbios de atitudes alimentares e distorção da imagem corporal no contexto competitivo da ginástica rítmica. *Rev Bras Med Esporte*, Niterói, v. 15, n. 6, p. 410-414, Dec. 2009.
39. WE ARE SOCIAL/HOOTSUITE. Thinkfor Ward: trends shapmig social In 2019. *Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 16 set. 2019.*
40. WITT JSGZ, SCHNEIDER AP. Nutrição Estética: valorização do corpo e da beleza através do cuidado nutricional. *Ciência & saúde coletiva*, v. 16, p. 3909-3916, 2011.